



4198 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT23 - Gênero, Sexualidade e Educação

"Homem com homem vira lobisomem, mulher com mulher vira jacaré" relações de gênero e sexualidade nas falas de meninos e meninas, no ambiente escolar.

Mariana Fernandes Brito - UFMA - Universidade Federal do Maranhão
Sirlene Mota Pinheiro da Silva - UFMA - Universidade Federal do Maranhão
Caroliny Santos Lima - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

Práticas sociais ao longo da história contribuem para a segregação e desigualdade entre homens e mulheres. Em todos os segmentos da sociedade e nas diversas culturas, ao longo do tempo estão sendo determinados os caminhos de meninas e meninos. O presente trabalho é fruto de pesquisa em andamento, visa investigar as Relações de gênero e sexualidade na fala de meninos e meninas de sete anos, de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de São Luís/MA, foco da pesquisa, que compreende as crianças como portadores/ras de histórias, produzindo e reproduzindo cultura. A escola, espaço de interação e cidadania, age muitas vezes como reprodutora das representações de gênero hegemônicas que foram socialmente naturalizadas e que são reafirmadas em variados espaços sociais como forma única de comportamento. Diante dessa realidade, objetivamos compreender de que forma as crianças através de jogos e brincadeiras, vem dialogando, e construindo suas relações de gênero e sexualidade.

Palavras chave: Relações de gênero; Sexualidade; Crianças.

“HOMEM COM HOMEM VIRA LOBISOMEM, MULHER COM MULHER VIRA JACARÉ” relações de gênero e sexualidade nas falas de meninos e meninas no ambiente escolar.

Práticas sociais ao longo da história contribuem para a segregação e desigualdade entre homens e mulheres. Em todos os segmentos da sociedade e nas diversas culturas, ao longo do tempo estão sendo determinados os caminhos de meninas e meninos. O presente trabalho é fruto de pesquisa em andamento, visa investigar as Relações de gênero e sexualidade na fala de meninos e meninas de sete anos, de uma Escola Municipal de Ensino Fundamental de São Luís/MA, foco da pesquisa, que compreende as crianças como portadores/ras de histórias, produzindo e reproduzindo cultura. A escola, espaço de interação e cidadania, age muitas vezes como reprodutora das representações de gênero hegemônicas que foram socialmente naturalizadas e que são reafirmadas em variados espaços sociais como forma única de comportamento. Diante dessa realidade, objetivamos compreender de que forma as crianças através de jogos e brincadeiras, vem dialogando, e construindo suas relações de gênero e sexualidade.

Palavras chave: Relações de gênero; Sexualidade; Crianças.

INTRODUÇÃO

Um dos primeiros indícios um tanto sutis sobre gênero na vida humana, ocorre já na barriga da mãe quando ela descobre o sexo biológico do bebê. Naquele momento, são definidas as “cores” do enxoval e de forma discreta inicia-se o processo de construção social das identidades de gênero dos sujeitos. O bebê cresce e novas atribuições lhe são dadas. Roupas, brinquedos, acessórios, atividades de lazer e esporte (que futuramente irão praticar), tudo é pré- estabelecido e determinado. Parece-nos que há todo um projeto elaborado em torno da criança desde quando nascem, independentemente de raça, etnia e condições socioeconômicas.

Em praticamente todos os segmentos da sociedade, e em diversas culturas, ao longo do tempo vem sendo determinado o caminho de meninas e meninos. Segundo afirma Louro (1997), “ao começar a interagir com e na sociedade, os sujeitos participam de forma ativa na construção de suas identidades e tomam consciência de seus corpos, na medida em que há um investimento disciplinar sobre eles”.

Partimos então, da concepção de criança não do ponto de vista do adulto, apenas como dependente dele, mas como um indivíduo capaz de produzir cultura e ser portador de história. Ao pensarmos a criança e a produção da cultura infantil, encontramos nos jogos e brincadeiras, uma das múltiplas formas de expressão, momento em que a riqueza das relações favorece a produção da cultura.

A proposta desta pesquisa, em andamento, nasce de um conjunto de questões e reflexões que dizem respeito à rapidez das transformações na sociedade e frente à percepção que sem tem sobre o fato das instituições escolares não conseguirem acompanhar tais mudanças com a mesma velocidade. Inicialmente procuramos responder aos seguintes questionamentos: por que existem jogos, brinquedos e brincadeiras separadas por sexo? Como essa separação acontece? Como a escola e suas práticas educativas podem contribuir para a garantia de socialização e da igualdade de gênero no espaço escolar?

Por meio de observações realizadas em uma escola da rede pública de São Luís – MA, dos meses de fevereiro a maio de 2018, objetivamos compreender de que forma as crianças vêm dialogando e construindo suas percepções voltadas às relações de gênero e sexualidade.

Ao utilizar o gênero e sexualidade como categoria de análise para observar as diferentes formas de brincadeiras dos meninos e meninas, procuramos fazer relação com o que as crianças constroem entre elas, reproduzindo ou transgredindo as regras impostas pelo adulto, construindo assim, uma cultura infantil.

Sendo a observação uma das características da atividade científica e importante método utilizado em pesquisa educacional,

realizamos observações não-estruturadas em sala de aula e na hora do recreio/intervalo. Esta consiste segundo Viana (1997, p. 26) “[...] na possibilidade de /a observador/a integrar a cultura dos sujeitos observados e ver o “mundo” por intermédio da perspectiva dos sujeitos [...]”. E nos possibilita refletir os elementos observados e o que compreendemos sobre as questões estudadas – em nosso caso, as relações de gênero e sexualidade no contexto escolar.

É DE PEQUENINO QUE SE TORCE O PEPINO?

Inicialmente, é importante salientar como o jogo/brincadeira promove a criação de grupos sociais diferenciados, que exprimem suas diferenças pelo e por meio do jogo nas mais diferentes atividades. Dessa forma, meninos e meninas são “testados” constantemente pelos próprios grupos na definição do lado em que estão nesse jogo do “gênero”, através de mecanismos criados pelos próprios grupos.

A seguir apresentamos alguns excertos dos comentários que pudemos perceber dos momentos de interação, jogos e brincadeiras entre meninos e meninas:

- “Pular elástico é coisa de menina.”(J.T - 7 anos)
- “Vamos jogar bola, mas menina não pode”(A.G - 7 anos)
- “Os meninos sempre ganham, um dia a coisa muda!”(L.A - 7 anos)
- “Ela gosta brincar de bola de gude com a gente, é estranho, pois é uma menina” (F.M 7 anos)
- “Homem com homem vira lobisomem, mulher com mulher vira jacaré”(D.C - 7 anos)
- “Na sala de aula sempre é assim: meninas de um lado e meninos de outro. A professora já determinou” (S.N - 7anos)
- “Quando eu empresto o meu lápis de escrever rosa, ele não aceita, diz que é lápis de menina”(M.B - 7 anos)
- “Na minha casa, minha mãe diz que só posso brincar de bonecas com outras meninas”(E.B - 7 anos)
- “O professor de Educação Física não deixa a gente brincar de futebol com os meninos.” (F.P - 7 anos)
- “Outro dia cheguei de cabelo cortado na escola, os meninos riam de mim, pois diziam que parecia de menino” (A.C - 7 anos)

Podemos perceber que desde tenra idade, quando se ensina meninos e meninas, enraíza-se a diferenciação que muitas vezes está na base das futuras desigualdades na vida adulta. Destacamos ainda, que as mais diversas experiências vividas no contexto da educação têm um grande potencial para possibilitar novas formas de interação. Como assegurar que, diante da diversidade das populações infantis e das contradições da sociedade contemporânea, a educação cumpra seu papel social?(KRAMER, 1999)

Percebe-se aparentemente, que meninos e meninas convivendo juntos na escola, não sofrem nenhum tipo de distinção em função do sexo. A discriminação sexual ocorre de forma velada, inconsciente, por meio de mecanismos sutis que já foram naturalizados, além de se revelarem nas atitudes e relações com os adultos. A fala das crianças acima nos sinaliza a “carga” de estereótipos discriminatórios presentes em seus cotidianos.

Os estudos de Louro (2002) trazem uma importante reflexão sobre o papel da escola na construção das diferenças. Segundo a autora, a escola divide internamente os que lá estão, através de múltiplos mecanismos de classificação, ordenamento e hierarquização. Ela nos alerta para a necessidade de perguntarmos como são produzidas tais diferenças e que efeitos elas têm sobre os sujeitos

Porém, o que se pode constatar é que, além disso, os estudos sobre a infância, não contemplam as diferenças de gênero e a construção do preconceito. Relacionar gênero, sexualidade e a criança consistem no levantamento de uma nova problemática que não está tão bem colocada para a educação, muito menos para a prática pedagógica.

As questões de gênero, sexualidade e a escola, sendo esta entendida como local privilegiado de socialização das crianças, foram analisadas por Delamont (1985), quando nos coloca a escola como a instituição da sociedade que mais fortalece as diferenças de gênero ao realizar processos de socialização diferenciados para meninos e meninas.No que refere à sexualidade, destacamos ser uma necessidade humana e como tal precisa ser conhecida, pois como afirma Sayão (1997 p 113-114): “A vivência da sexualidade é estruturante da trajetória pessoal e constitui-se na complexa combinação de muitos elementos de cunho subjetivo e da relação com o outro”.

No entanto, Faria (2002) nos lembra de que a questão de gênero na pesquisa educacional ainda é um tema pouco explorado. De acordo com a autora, as inúmeras pesquisas que tratam das relações de gênero não costumam abordar as especificidades das diferentes idades e fases da vida - principalmente aquelas que dizem respeito às crianças-, também as investigações que privilegiam as diferenças etárias, e a infância em particular, raras vezes fazem análises de gênero. Rosemberg (2001) evidencia “que raríssimos estudos parecem ter ido à busca do lugar da infância na construção social das relações de gênero no sistema educacional”

Diante do foi exposto, ao que corrobora com as palavras de Foucault (1988, pp. 160-161): “quanto a nós, estamos em uma sociedade do ‘sexo’, ou melhor, ‘de sexualidade’: os mecanismos do poder se dirigem ao corpo, à vida, ao que faz proliferar, ao que reforça a espécie, seu vigor, sua capacidade de dominar, ou sua aptidão para ser utilizada. E ele tão contemporâneo quanto o assunto em discurso, incita a concordar que “atualmente, nossa tarefa é compreender a sexualidade. Hoje em dia, a compreensão plenamente consciente do instinto sexual importa mais do que o ato sexual” (FOUCAULT, 1988, p. 172).

A estrutura familiar patriarcal reforça as desigualdades desde a infância, pois educa o menino para exibir seu sexo, gostar dele, ostentá-lo com orgulho, como vemos nas rodas familiares... enquanto que em relação à menina dá-se o contrário; obriga-se a esconder seu sexo, mantê-lo misterioso, a não ter uma relação afetiva com sua identidade, a ser recatada.

Família, escola, sociedade têm um papel importante na formação do cidadão, e assim precisam traçar estratégias e cumprir planos que assegurem uma educação sexual as (aos) suas/seus agentes.

ALGUMAS (IN) CONCLUSÕES

O debate em torno da sexualidade humana é tema bastante complexo e de difícil abordagem tanto na família, quanto na escola.

Apesar de estarmos vivendo na era da informação e comunicação, num Estado de Direito Democrático, essas duas instituições demonstram bastante resistência em lidar com essa temática.

As conversas, os jogos e as brincadeiras fazem parte de praticamente todas as atividades do desenvolvimento do ser humano. Partindo dessa afirmação, percebe-se que os momentos lúdicos proporcionam aos indivíduos a possibilidade de desenvolver a sua criatividade.

No ambiente escolar as atividades lúdico-pedagógicas contribuem para a construção do conhecimento, desenvolvimento pessoal, social, cognitivo. O brincar contribui para aguçar a vontade de aprender. O jogar coopera para o raciocínio a regras. Ambos brincar e jogar são maneiras de interações e descobertas. Porém, esses momentos de jogos e brincadeira podem tornar-se momentos de opressão, discriminação e jogos de poder. Nesses momentos a criança envolve-se e sente a necessidade de partilhar com o outro, ainda que em posições adversárias.

A parceria é um estabelecimento de relação, momento em que se expõem as potencialidades dos participantes, afeta as emoções e põe à prova as aptidões, testando limites. E nesse processo de aprender brincando o/a professor/a precisa administrar as interações de forma espontânea, livre, longe de estereótipos. Por isso, as práticas lúdicas com jogos e brincadeiras não devem ser vistas como distintas de sexos – meninos e meninas, homem e mulher, feminino e masculino. Essas atividades devem ser trabalhadas de maneira igual.

Pudemos perceber que os estudos de gênero e sexualidade nas práticas escolares podem reconfigurar o ambiente escolar que visa evidenciando o reconhecimento das diferenças e trabalhá-las combatendo as desigualdades na perspectiva de formar cidadãos ou cidadãs responsáveis pelo bem estar coletivo e intermediado por profissionais capacitados, por Projetos Políticos Pedagógicos, com currículos e materiais didáticos coerentes.

Certamente, é um longo caminho a ser percorrido, não apenas na desconstrução de desigualdades de gênero e sexualidade na escola, mas na construção de uma educação que tenha o reconhecimento da diferença, a promoção da reflexão crítica e a superação das desigualdades.

Aprendemos, com as leituras, pesquisas e análises iniciais que foram feitas durante todo esse trabalho, que já sabemos muito sobre o que não devemos fazer, mas que há ainda muito que descobrir sobre o que deve ser feito e como fazê-lo.

REFERÊNCIAS

DELAMONT, Sara. **Os papéis sexuais e a escola**. Livros Horizonte. 1985.

FARIA, Ana Lúcia Goulart de, DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri e PRADO, Patrícia Dias (orgs.) **Por uma cultura da Infância: metodologias de pesquisa com crianças**. Campinas: Editores Associados, 2002.

KRAMER, Sônia. **O papel social da educação Infantil**. Revista Textos do Brasil. Brasília. Ministério das Relações Exteriores, 1999,s/p.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**, a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, 1988.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In LOURO, Guacira Lopes(org.) **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.

_____. **Gênero: questões para a educação**. BRUSCHINI, Cristina; UNBEHAUM Sandra. Gênero, democracia e sociedade brasileira. São Paulo: Ed. 34, 2002.

ROSEMBERG, Fúlvia. **Caminhos Cruzados: educação e gênero na produção acadêmica**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v 27, n1, pp. 47-68, jan/jun. 2001.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In AQUINO, JulioGroppa (org.) **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo. Summus, 1997.

VIANNA, Claudia. Sexo e gênero: masculino e feminino na qualidade da educação escolar. In: AQUINO, JulioGroppa (org.) **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997, p. 119 – 129.